



UNIVERSIDADE
LUSÓFONA
D O P O R T O

Cláudia Alexandra Rodrigues de Brito Garcia

Trajelórias de Vida e Reclusão: Estudo Qualitativo com Homicidas.

Trabalho realizado sob orientação da Prof.^a Dra. Ana Rita Conde Dias

Julho de 2020



Cláudia Alexandra Rodrigues de Brito Garcia

Trajelórias de Vida e Reclusão: Estudo Qualitativo com Homicidas.

Dissertação de Mestrado em Psicologia da Justiça

Trabalho realizado sob orientação da Prof.^a Dra. Ana Rita Conde Dias

Julho de 2020

Dissertação defendida em provas públicas na Universidade Lusófona do Porto no dia 01/07/2020, perante o júri seguinte:

Presidente: Prof.^a Doutora Carla Margarida Vieira Antunes (Prof.^a Auxiliar da Universidade Lusófona do Porto)

Vogal: Prof.^a Doutora Andreia de Paiva Ribeiro de Moura (Prof.^a Auxiliar da Universidade Lusófona do Porto) – Arguente

Orientadora: Prof.^a Doutora Ana Rita Conde Dias (Prof.^a Auxiliar da Universidade Lusófona do Porto)

Data: 1 de julho de 2020

DECLARAÇÃO

É autorizada a reprodução integral desta dissertação apenas para efeitos de investigação, mediante declaração escrita do interessado, que a tal se compromete.

Claúdia de Brito Gouveia

Resumo

Enquadramento: Há um vasto leque de estudos sobre o homicídio que, na sua maioria, são de natureza quantitativa (e.g., taxas de prevalência, reincidência, perfis do homicida, tipologias de homicídio). Vários autores indicam a importância de desenvolver investigações de natureza qualitativa com os próprios ofensores, no sentido de compreender o homicida, sendo este uma fonte de informação importante sobre o crime.

Objetivos: Pretende-se analisar as histórias de vida de homicidas, procurando explorar as suas trajetórias e experiências. Procura-se ainda comparar as histórias de vida de homens e mulheres homicidas.

Método: Este estudo inclui 12 participantes condenados por homicídio e a cumprir pena efetiva de prisão em Estabelecimento Prisional (EP), selecionados de acordo com critérios de inclusão. A recolha de dados ocorreu em duas fases: na primeira fase administrou-se o Questionário Sociodemográfico e Criminal (para recolha de dados sociodemográficos, jurídico-penais e prisionais) e o Brief Symptom Inventory (BSI) (para identificar os participantes sem indicadores de psicopatologia). Na segunda fase administrou-se a Entrevista de História de Vida de McAdams, para recolher informação aprofundada sobre as trajetórias de vida e experiências dos homicidas. Utilizou-se a análise narrativa como metodologia de análise dos dados das entrevistas.

Resultados: Identificaram-se cinco temas centrais nas histórias dos homicidas – família, vitimização, crime, reclusão e dependências. A forma como organizam as experiências em torno destes temas permite-lhes manter uma identidade positiva. Identificou-se uma narrativa central transversal a todos os homicidas – narrativa sofredora – mas identificam-se diferenças relevantes entre homens e mulheres homicidas.

Conclusão: Apesar da narrativa sofredora comum, as mulheres revelam uma narrativa de vitimização, enquanto os homens veiculam uma narrativa de frustração/fracasso. Estas diferenças são discutidas em termos das suas implicações na intervenção.

Palavras-chave: homicidas; histórias de vida; narrativas; identidade; análise narrativa.

Abstract

Background: There is a wide range of studies on homicide that are mostly quantitative (e.g., prevalence rates, recidivism, homicide profiles, homicide typologies). Several authors indicate the importance of conducting qualitative investigations with the offenders themselves, in order to understand the murderer, an important source of information about the crime.

Objectives: It is intended to analyze the life stories of homicides, seeking to explore their trajectories and experiences. It also seeks to compare the life stories of homicidal men and women.

Method: This study includes 12 participants convicted of homicide and serving an effective prison sentence in a prison, selected according to inclusion criteria. Data collection took place in two phases: in the first phase, the Sociodemographic and Criminal Questionnaire (for collecting socio-demographic, legal, criminal and prison data) and the Brief Symptom Inventory (to identify participants without psychopathology indicators). In the second phase, the McAdams Life Story Interview was administered to collect in-depth information on the life trajectories and experiences of the murderers. Narrative analysis was used as a methodology for analyzing the interview data.

Results: Five central themes were identified in the stories of the murderers – family, victimization, crime, confinement and dependencies. The way they organize their experiences around these themes allows them to maintain a positive identity. A central narrative across all homicides was identified – a suffering narrative – but relevant differences were identified between homicidal men and women.

Conclusion: Despite the common suffering narrative, women reveal a narrative of victimization, while men convey a narrative of frustration/failure. These differences are discussed in terms of their implications for the intervention.

Keywords: murderers; life stories; narratives; identity; narrative analysis.

Índice

Lista de Tabelas	6
I. Enquadramento Teórico	7
Homicídio: Definição, Tipos de Homicídios e Tipologias de Ofensores.....	7
Teorias Explicativas e Estudos Desenvolvidos sobre o Homicídio	11
II. Objetivos e Questões de Investigação	14
III. Método.....	15
Participantes e Amostragem	15
Procedimentos de Recolha dos Dados.....	16
Instrumentos	17
Metodologia de Análise dos Dados.....	17
IV. Resultados e Discussão	18
V. Conclusão	31
VI. Referências	34

Lista de Tabelas

Tabela 1. Participantes

Tabela 2. Temas Centrais Referidos pelos Participantes

Tabela 3. Tema “Família”

Tabela 4. Tema “Vitimização”

Tabela 5. Tema “Crimes Praticados”

Tabela 6. Tema “Reclusão”

Tabela 7. Tema “Dependências”

Tabela 8. Caracterização de Si Próprios

Tabela 9. Caracterização dos Outros

Tabela 10. Projeção no Futuro

Tabela 11. Diferenças entre Homens Homicidas e Mulheres Homicidas

Tabela 12. Diferenças Identitárias entre Homens Homicidas e Mulheres Homicidas

Tabela 13. Tons Narrativos

I. Enquadramento Teórico

Homicídio: Definição, Tipos de Homicídios e Tipologias de Ofensores

A vida de um ser humano pode terminar de quatro formas diferentes: por causas naturais, acidente, suicídio ou homicídio (Bhatia, Khan, Mediratta, & Sharma, 1987). O homicídio, em particular, é um crime único, devido às consequências que acarreta e à seriedade com que é encarado (Wallace, 1986). É um crime contra a vida e as penas previstas traduzem a censurabilidade que lhe é inerente, pois “a vida humana é inviolável” (Artigo 24.º da Constituição da República Portuguesa, 2005).

A literatura e investigação têm procurado classificar os homicídios, indicando que o homicídio não é uma simples agressão isolada, tratando-se de um crime complexo que envolve múltiplas interações (Decker & Curry, 2002) e, logo, a sua classificação em diferentes tipos de homicídios. Associada à investigação que procura tipificar os homicídios, há também a tentativa de classificar os próprios homicidas, sendo consensual que se trata de um grupo bastante heterogéneo (Almeida, 1999).

Identificam-se várias propostas de classificações, quer do homicídio, quer dos seus agentes (perpetrador). Uma delas baseia-se no que é diretamente observável na cena do crime, diferenciando os homicídios organizados dos desorganizados (Roberts, Zgoba, & Shahidullah, 2007). Assim, as circunstâncias em que ocorre o crime caracterizam também o tipo de homicidas, surgindo a distinção entre os homicidas organizados e os homicidas desorganizados (Ressler, Burgess, Hartman, Douglas, & McCormack, 1986). Os homicidas organizados são descritos como tendo traços de personalidade psicopática, QI normal ou acima da média, com algumas competências sociais e comportamentos de promiscuidade sexual. Estes homicidas desenvolvem, por norma, uma relação de proximidade com a vítima. Por seu turno, os homicidas desorganizados são descritos como disfuncionais e desorganizados nas diferentes áreas da sua vida (i. e., social, familiar, psicológica, criminal). No entanto, alguns autores referem que estes conceitos não distinguem psicologicamente os agressores (Canter, Alison, Alison, & Wentik, 2004).

A literatura distingue também dois tipos de agressão, em função dos objetivos e ganhos do perpetrador: a agressão expressiva e a agressão instrumental. A primeira caracteriza-se por ser reativa e emocional, onde não há planeamento e o agressor não considera as suas consequências, agindo mais por impulso; a segunda é orientada por objetivos e planeada, não havendo uma componente emocional (Stanford, Houston &

Balbridge, 2008). Assim, agressão expressiva é mais focada na vítima (e. g., como a violência física em situações de violência nas relações de intimidade (VRI)), e a agressão instrumental é focada nos objetivos, em que a vítima possui um papel secundário (i. e., a vítima não é o alvo direto da agressão, como nos casos de assaltos em que a vítima resiste e acaba por ser agredida e morta) (Feshbach, 1964; Salfati, 2001).

Outros autores desenvolveram outras tipologias com base nas motivações do agressor: o homicídio por discussão ou conflitos (i. e., homicídios precipitados por discussões), o homicídio no contexto de delitos (i. e., as vítimas são mortas durante a prática de outro crime – e. g., furto, rapto), o homicídio por violência doméstica e, ainda, os homicídios por acidentes (i. e., homicídios que resultam de acidentes de viação, associados ao consumo de álcool ou drogas) (Roberts, Zgoba, & Shahidullah, 2007).

É de referir que a investigação tem salientado bastante os homicídios passionais ou conjugais, em que o homicida comete o crime sobre a pessoa com quem se tem uma relação afetiva e/ou sexual (Beraldo Júnior, 2004; Borges, 2011), podendo a vítima ser o elemento feminino do casal (Gartner, Dawson, & Crawford, 2001) como o masculino (Wilson & Daly, 1992, citados por Almeida, 2012; Taylor & Jasinski, 2011).

No contexto familiar, a(s) vítima(s) pode(m) ser o(s) progenitor(es) (Dantas, Santos, Dias, Dinis-Oliveira, & Magalhães, 2014), sendo que nestes casos alguns autores consideram que a presença de doença mental no agressor, nomeadamente esquizofrenia, é um importante fator de risco (Raymond, Leger, & Lachaux, 2015; Sahin et al., 2016). Quando a vítima é menor de idade, denomina-se por infanticídio (Bechiarelli, n.d.). Aqui configuram-se também os casos particulares de filicídio, ou seja, pais que perpetraram a morte dos seus filhos (Resnick, 1969).

Dadas as múltiplas interações que o homicídio pode envolver, a literatura realça também a relação vítima-agressor, uma vez que o homicídio é um acontecimento social que representa uma ação com dois ou mais atores numa relação dinâmica (Silverman & Mukherjee, 1987; Wolfgang, 1958). No que concerne a esta relação, esta pode ser primária (i. e., entre pessoas próximas e conhecidas, como familiares, namorados e amigos) ou secundária (i. e., entre pessoas estranhas) (Loftin, 1986, citado por Smith, 2001), considerando-se uma dicotomia conhecidos-desconhecidos (Leone, 2016; Miethe & Regoeczi, 2003).

Também se verifica uma vasta investigação sobre a distinção entre os homicidas sexuais (Fisher & Beech, 2007; Sewall, Krupp, & Lalumière, 2012) e não sexuais ou

associados a atividade sexual (Folino, 2000; Grubin, 1994). Não existe uma definição universal para o homicídio sexual (Schlesinger, 2004), no entanto, nos casos de homicídio sexual motivado principalmente pelo sexo, a violência é tanto instrumental como reativa (i. e., o que impele principalmente o agressor é a sua determinação em ter sexo, apesar de todas as adversidades que esta ação possa acarretar) (Fisher & Beech, 2007). Este é um crime relativamente raro e os perpetradores, na sua maioria, são homens que matam mulheres (Francis & Soothill, 2000; Revitch & Schlesinger, 1989). Nestes casos, ocorre atividade sexual (incluindo masturbação) com a vítima antes, durante ou após a morte desta (Sewall, Krupp & Lalumière, 2012). Neste grupo enquadram-se os homicídios em série (Chan & Heide, 2008; Maniglio, 2010) e relacionam-se com fantasias de violação (Maniglio, 2010; Myers, Husted, Safarik, & O'Toole, 2006). Por outro lado, nos homicídios não sexuais ou associados a atividade sexual, a morte não é motivada sexualmente (i. e., o agressor tem sexo com a vítima e mata-a como forma de silenciar um potencial abuso) (Grubin, 1994), salientando que matar depois de um ato sexual para destruir as provas não deve ser considerado um homicídio sexual (Folino, 2000).

A literatura distingue ainda os homicidas em função da idade, distinguindo o homicídio juvenil do homicídio na idade adulta. Os homicidas mais jovens tendem a relacionar-se com pares e grupos da mesma idade, principalmente nas zonas periféricas das grandes cidades (Anderson, 1999; Zilli, 2005). Estudos indicam que, na maioria dos casos de homicídio perpetrado por jovens, ambos os agentes (i. e., vítimas e perpetradores) possuem o mesmo perfil sociodemográfico: são jovens não caucasianos, de classe social desfavorecida, com baixas habilitações académicas, residem nos mesmos contextos sociais (i. e., bairros degradados da periferia) e matam e morrem no contexto de conflitos violentos e atividades ilícitas (i. e., envolvimento em gangues, tráfico diverso, posse ilegal de armas) (Beato Filho, Marinho, & Oliveira Júnior, 2008; Soares 2008). A investigação revela ainda que os jovens homicidas são, por norma, oriundos de famílias disfuncionais (Darby, Allan, Kashani, Hartke, & Reid, 1998), com fracos vínculos (Botelho & Gonçalves, 2016), o que interfere no desenvolvimento da capacidade de empatia (Konvalina-Simas, 2012). Por seu turno, o homicida adulto é descrito como tendo uma idade média de 40 anos, solteiro e sem filhos, que reside em meio urbano, possui uma atividade profissional e apresenta algum tipo de psicopatologia (i. e., depressão, mania, esquizofrenia, psicopatia). No momento do crime, pode apresentar-se sóbrio e não ter qualquer registo criminal. O crime, por norma, é cometido no domicílio onde vítima e

agressor coabitam (ou nas suas imediações), no domicílio da vítima (ou nas suas imediações) ou, ainda, na via pública. Geralmente, o homicida recorre a arma de fogo (e.g., caçadeira, pistola, revólver) e premedita o crime. Além disso, este pode acontecer no seio de um relacionamento íntimo conflituoso, pautado por agressões físicas e sentimentos como o ciúme (Louceiro, 2008). Assim, é possível perceber que, se os mais jovens tendem a cometer homicídios no contexto de outros crimes, os mais velhos tendem a fazê-lo isoladamente.

Além da idade, alguma literatura distingue homicidas em função do sexo (masculino vs. feminino), indicando que têm características distintas (Fox & Fridel, 2017; Pacheco, 2014). As mulheres cometem menos crimes (Pacheco, 2014) e sofrem mais com a prisão do que os homens (Makki & Santos, 2010). No entanto, apesar das taxas inferiores, os homicídios cometidos por mulheres alcançam já um número considerável (Santiago & Saliba, 2016). Comparativamente aos homicidas homens, as mulheres tendem a ser mais novas e a possuir mais estudos, embora sejam elas que apresentam maior desemprego. Por fim, no que diz respeito às motivações para cometer o crime, ambos os sexos são maioritariamente movidos pela represália, sendo que os homens se revelam mais movidos por reação à separação ou por ciúmes e as mulheres como forma de autodefesa (Borges, 2009). Contudo, existem poucos estudos sobre mulheres homicidas, pelo que é pertinente uma reflexão aprofundada sobre as dinâmicas sociais nas quais estas se inserem, assim como em que contextos surge esta forma de violência (Silva et al., 2016).

Por fim, os estudos apontam também para a existência de situações de homicídio seguido de suicídio, tanto em idades mais jovens, particularmente em casos em que o perpetrador é vítima de bullying (Daemon, 2016), como na idade adulta (Koenraadt & Liem, 2007), nomeadamente no âmbito da VRI (Lund & Smorodinsky, 2001; Walsh & Hemenway, 2005).

Em síntese, a literatura sobre o homicídio é muito ampla e, até, contraditória (Botelho & Gonçalves, 2016). A especificidade de cada homicídio é influenciada por diversos fatores e quem o perpetra não constitui um grupo homogêneo, pelo que limitar a sua análise a tipologias específicas ou à luz de teorias isoladas não permite compreender a complexidade do homicida.

Teorias Explicativas e Estudos Desenvolvidos sobre o Homicídio

São várias as teorias que tentam explicar o fenómeno do crime e da violência, nomeadamente o homicídio, dando lugar a diversos e diferentes estudos. Numa revisão da literatura, identificam-se explicações fisiológicas, desenvolvimentais, psicopatológicas e sociais (Botelho & Gonçalves, 2016). As teorias fisiológicas referem-se à influência de alterações do sistema límbico e dos lobos temporal e frontal, que potenciam uma predisposição para comportamentos violentos e antissociais (Blair, 2010; Raine, 2013). É também vital o período desenvolvimental do indivíduo (Zeanah, 2001). A investigação revela que jovens homicidas são habitualmente oriundos de famílias disfuncionais (Darby et al., 1998), possuem doença mental grave (Darby et al., 1998; Mendelson, Turner, & Tandon, 2010) e registam histórico de consumos de substâncias psicoativas (Dolan & Smith, 2001; Shumaker & Prinz, 2000).

Numa perspetiva psicopatológica, diversos autores afirmam existir uma associação significativa entre homicídio e psicopatologia, nomeadamente a esquizofrenia (Hiroze, 1979; Pertursson & Gudjonsson, 1981). Por outro lado, numa abordagem social, outros autores associam a criminalidade a indicadores socioeconómicos baixos, heterogeneidade étnica e elevada mobilidade residencial, dificultando a aprendizagem de regras e valores pró-sociais (Bursik, 1988). Assim, a comunidade científica tem-se debruçado no desenvolvimento de teorias e modelos explicativos do homicídio (Brauer & Gomez-Sorzano, 2004; Kivivuori, Suonpää, & Lehti, 2014).

Ao nível internacional, existe um vasto leque de estudos sobre o homicídio que, na sua maioria, são de natureza quantitativa. Identificam-se estudos sobre as taxas de prevalência (Arif, Jawaid, & Iqbal, 2017; Rosenfeld, 2016) e de reincidência (Liem, Zahn, & Tichavsky, 2014; Roberts, Zgoba, & Shahidullah, 2007), estudos de prevalência e caracterização dos homicídios em série (Kraemer, Lord, & Heilbrun, 2004; Yaksic et al., 2019), dos homicídios sexuais (Chan, Beauregard, & Myers, 2015; Roberts & Grossman, 1993), bem como nos homicídios no âmbito da VRI (Caman, Howner, Kristiansson, & Sturup, 2016; Reis, 2016), o femicídio (Loinaz, Marzabal, & Andrés-Pueyo, 2018) e, ainda, os homicídios seguidos de suicídio (Liem, 2010; McPhedran et al., 2015). Destacam-se ainda estudos que procuraram traçar um perfil do homicida (Salfati, 2000), procurando identificar características sociodemográficas, características de personalidade (Kamaluddin, Othman, Ismail, & Mat Saat, 2017) ou, ainda, identificar a sua associação a outros fenómenos, tais como a imigração, agressão, vitimação (Bernat, 2017) e doença

mental (Golenkov, Large, Nielssen, & Tsymbalova, 2016; Valença, 2008). Por exemplo, ao nível sociodemográfico, estudos internacionais indicam que a maioria dos homicidas é do sexo masculino, tem idade compreendida entre os 21 e os 40 anos, possui baixas habilitações e tendem a ter uma relação de proximidade com a vítima (Roberts, Zgoba, & Shahidullah, 2007). Há outros estudos que procuram analisar grupos específicos de homicidas, tais como as mulheres (Weisheit, 1984) ou os jovens homicidas (Roe-Sepowitz, 2009). A associação do homicídio a problemas de saúde mental (Golenkov, Large, Nielssen, & Tsymbalova, 2016; Valença, 2008) e o impacto do homicídio (Korosec, 2012) têm sido também áreas de interesse.

Em Portugal, existe alguma investigação, sendo, na sua maioria, de natureza quantitativa. É de referir estudos sobre o homicídio conjugal (Abrunhosa, 2018; Cunha & Gonçalves, 2016), estudos com homicidas sexuais (Lobo, 2007; Simões, 2016) e homicidas inimputáveis (Pereira, 2012; Rocha, 2014), estudos sobre a personalidade dos ofensores (Ferrão, 2012; Moura, 2009), perfis criminais (Louceiro, 2008), propensão para a vitimização (Peixoto, 2012), consumo de substâncias (Carvalho, 2016; Sampilo, 2016) e estudos que procuraram identificar diferenças de género (Lisboa, Barroso, Patrício, & Leandro, 2009; Pacheco, 2014). Por exemplo, em relação ao homicídio conjugal, a investigação revela que estes homicidas apresentam um histórico de ideação suicida/homicida e recurso a armas e ameaças de morte contra a vítima, o que sugere que este não é um acontecimento aleatório e que exige algum planeamento (Cunha & Gonçalves, 2016).

Embora em menor número, verificam-se alguns estudos qualitativos e, mais uma vez, maioritariamente ao nível internacional. Mulheres perpetradoras foram alvo de investigação (Liles, 2018; Silva et al., 2016), assim como os casos de homicídio seguido de suicídio em adultos (Holland, Brown, Hall, & Logan, 2018; Liem & Koenraadt, 2007) e em jovens (Daemon, 2016). Os investigadores também procuraram definir as características do ofensor (Ferrito, Vetere, Adshead, & Moore, 2012; Miethe & Drass, 1999) e descrever a relação entre este e a vítima (Leone, 2016; Regoeczi & Miethe, 2003), bem como perceber as motivações que levam a cometer homicídio, do ponto de vista dos homicidas (Alavijeh et al., 2015). Foram também objeto de interesse o homicídio conjugal (Barbosa, 2015) e o homicídio sexual (Kerr & Beech, 2015). Outros autores tentaram explicar as dificuldades encontradas por ex-reclusos homicidas na procura de emprego no período de pós-reclusão (Hardcastle et al., 2018), outros exploraram estudos sobre o

homicídio sexual (Kerr & Beech, 2015), o homicídio em série (Beasley, 2004) e jovens homicidas (Zilli, 2005). Existe ainda um estudo que comparou o perfil de homens e mulheres homicidas (Borges, 2009). Por exemplo, o homicídio cometido pela mulher, geralmente acontece num cenário amoroso, cuja vítima é o seu parceiro íntimo, no entanto, este crime também pode ser cometido sobre um estranho, na tentativa de obter ganhos económicos e nestes casos, normalmente, ela não atua sozinha (i. e., existe um cúmplice). Em contexto de VRI, é usual as mulheres recorrerem à afetividade como forma de justificarem o crime cometido, ao se deixarem levar por sentimentos como a raiva e o medo, não se revendo como totalmente responsáveis pelos seus atos. Estas não se percebem como criminosas, pois a sua condição de reclusão deve-se a circunstâncias pontuais que as levaram a cometer o crime, com ausência momentânea das suas plenas capacidades de reflexão e como último recurso de autodefesa. Normalmente, as mulheres demonstram arrependimento logo após o crime, o que sugere que não se reconhecem nele. Nos casos das mulheres que estariam sob o efeito de substâncias no momento do crime, estas consideram-nas como atenuantes, na tentativa de construírem uma imagem de si próprias menos negativa (Silva et al., 2016). No que respeita às motivações, estas prendem-se com a incapacidade de controlar sentimentos impulsivos de raiva e vingança, muitas vezes relacionados com situações de adultério e “lavagem da honra”. Outros sentimentos como o ódio e o rancor entre os indivíduos podem também conduzir ao crime, em especial no crime coletivo ou em grupo (Alavijeh et al., 2015).

A nível nacional, são escassos os estudos qualitativos nesta área. Ainda assim, existem alguns realizados com mulheres homicidas (Ferreira, Neves, & Gomes, 2018; Rodrigues, 2018) e com homicidas imputáveis e inimputáveis (Rocha, 2014). A acrescentar um estudo sobre infanticídio (Mateus, 2009) e outro sobre a relação entre o consumo de substâncias e a prática de comportamentos violentos em jovens com inquérito/medida tutelar educativa (Dias, 2015). Por exemplo, os estudos com mulheres homicidas revelam que, apesar de não ser possível assegurar que a sua vitimização prévia reiterada nas relações abusivas tenha sido o principal móbil do homicídio, elas sofreram diversos tipos de vitimização às mãos dos seus companheiros/ex-companheiros que acabaram por matar. Estas mulheres revelam, por um lado, uma extrema angústia pelo crime que cometeram e um enorme alívio por se terem libertado daquela relação, mas também um enorme receio do futuro, nomeadamente no período de pós-reclusão. Nos seus

discursos está bem presente a ideia de que se elas não os matassem, seriam elas as vítimas de homicídio (Ferreira, Neves, & Gomes, 2018).

Por fim, há a destacar estudos que focam especificamente as narrativas dos reclusos (Hall & Rossmanith, 2016; Hochstetler, Copes, & Williams, 2010). Estes admitem recorrer à violência como resposta apropriada a determinadas situações. No entanto, realçam que investem no desenvolvimento de formas de evitar rótulos e conotações negativas relacionadas com os comportamentos violentos, sugerindo que têm dificuldade em se reconhecer como pessoas violentas (Hochstetler, Copes e Williams, 2010).

Dado o menor número de estudos qualitativos, no que diz respeito à compreensão dos ofensores, especificamente os ofensores mais violentos, vários autores reiteram a importância de desenvolver investigações de natureza qualitativa com os próprios ofensores (Blagden & Pemberton, 2010; Nee, 2004), dado que estes constituem a fonte de informação mais importante sobre o crime (Nee, 2004). Assim, o presente estudo integra uma abordagem qualitativa, uma vez que permite uma maior profundidade na compreensão das experiências vividas e acesso a dados que são mais ricos em termos de significado (Silverman, 2011). A metodologia qualitativa é a melhor abordagem para realizar estudos sobre temas que são intangíveis, complexos, sensíveis e que exigem informações sobre as experiências pessoais e vividas dos participantes (Ritchie & Lewis, 2003). Esta abordagem permite colocar o ofensor no centro da investigação e ter uma compreensão mais complexa e aprofundada sobre o homicídio e sobre quem o perpetrou, recorrendo ao ofensor homicida como *expert* experiencial (Blagden & Pemberton, 2010).

II. Objetivos e Questões de Investigação

Este estudo pretende analisar as histórias de vida de homicidas, procurando explorar as suas trajetórias e experiências. Considerando as diferenças que a investigação indica entre os ofensores masculinos e femininos, procura-se comparar as histórias de vida de homens e mulheres condenados e a cumprir pena efetiva de prisão pelo crime de homicídio. No sentido de orientar a análise, colocam-se quatro questões de investigação:

QII – Que temas narrativos centrais surgem na história de vida dos/das homicidas? Como descrevem esses temas e que elementos integram? O crime de homicídio emerge como tema? Se sim, como é descrito e que elementos integra?

QI2 – Como se descrevem a si próprios/próprias e aos outros? Como constroem a sua identidade?

QI3 – Há diferenças entre homens e mulheres homicidas? Se sim, quais? Em que se distinguem?

QI4 – É possível identificar uma narrativa comum entre os/as homicidas ou há narrativas distintas? Como se articulam as narrativas com o crime de homicídio?

III. Método

Participantes e Amostragem

O estudo inclui 12 participantes condenados por homicídio e a cumprir pena efetiva de prisão em EP. Para a sua integração no estudo, estabeleceram-se os seguintes critérios de inclusão: (i) estar condenado pelo crime de homicídio, (ii) a cumprir pena efetiva de prisão, (iii) possuir competências básicas ao nível cognitivo, de forma a ser capaz de compreender e relatar experiências e situações de vida, (iv) ausência de indicadores de consumo atual de substâncias psicoativas e (v) ausência de psicopatologia ou perturbação psiquiátrica. Para a seleção dos participantes recorreu-se à amostragem intencional (Flick, 2005), procurando-se participantes que fossem a melhor fonte de dados sobre o objeto de estudo – as histórias de vida de homicidas. É de referir que se procurou obter homicidas do sexo feminino e do sexo masculino (cf. tabela 1).

Tabela 1
Participantes

Participantes	Sexo	Idade	Pena aplicada	Pena já cumprida
PF1	Feminino	56	11 anos	4 anos e 10 meses
PF2	Feminino	52	20 anos	3 anos e 9 meses
PF3	Feminino	35	25 anos	8 anos e 11 meses
PF4	Feminino	25	12 anos	3 anos
PF5	Feminino	45	20 anos	11 anos e 6 meses
PF6	Feminino	30	16 anos e 9 meses	3 anos e 4 meses
PM1	Masculino	39	18 anos	7 anos e 8 meses
PM2	Masculino	42	21 anos e 4 meses	8 anos e 5 dias
PM3	Masculino	47	24 anos e 2 meses	13 anos e 4 meses
PM4	Masculino	54	20 anos	15 anos
PM5	Masculino	54	8 anos	5 anos
PM6	Masculino	58	25 anos	11 anos e 6 meses

Procedimentos de Recolha dos Dados

Dirigiu-se um pedido de autorização à Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais para a recolha dos dados. Após a devida autorização, contactou-se a direção dos EP solicitados no pedido de autorização (Região Norte/Centro) para informar sobre o estudo, nomeadamente os objetivos e critérios de inclusão, e agendar a recolha de dados. Dos potenciais reclusos sinalizados pela direção dos EP, a investigadora reuniu individualmente com cada participante para aferir a sua disponibilidade para participar no estudo. Nesta reunião, foi apresentado o consentimento informado, clarificando-se o objetivo geral do estudo e os procedimentos, salientando-se a ressalva do carácter voluntário da sua participação e o seu anonimato. A recolha ocorreu em duas fases: numa primeira fase administraram-se os instrumentos de autorrelato (Questionário Sociodemográfico e Criminal e BSI) e numa segunda fase foi administrada a entrevista. Ambas ocorreram individualmente. A primeira teve uma duração média de 20 minutos e a segunda entre 60 a 90 minutos. Após a primeira fase, procedeu-se à triagem dos participantes com e sem patologia através dos valores obtidos no BSI, de forma a cumprir o critério de inclusão referente a não possuir psicopatologia. Numa segunda fase foi administrada a entrevista da história de vida, tendo sido gravada em áudio para se proceder

à sua transcrição na íntegra. Nenhum participante recusou colaborar e nenhum dos reclusos avaliados obteve indicadores de psicopatologia.

Há ainda que realçar que, para proceder à triagem dos reclusos sem problemas de consumos, foi pedido à direção do EP que seleccionasse apenas os reclusos que obtiveram resultado negativo nos testes de rotina referentes ao consumo de drogas/álcool.

Instrumentos

Na primeira fase, recorreu-se ao Questionário Sociodemográfico e Criminal, para recolha de dados sociodemográficos, jurídico-penais e prisionais de cada participante, e ao BSI, traduzido e adaptado por Canavarro (2007) para a população portuguesa, que permite avaliar indicadores de psicopatologia. Para identificar os participantes sem indicadores de psicopatologia, utilizou-se o Índice Geral de Sintomas (IGS) do instrumento (incluíram-se os participantes com IGS com um valor inferior a 1.7, dado que a perturbação emocional é considerada a partir deste valor) (Canavarro, 2007).

Na segunda fase, administrou-se a Entrevista de História de Vida de McAdams (McAdams, 2008 adaptada por Conde, Ferreira, & Garcia, 2019) para obter a descrição dos participantes acerca da sua história e acontecimentos de vida, sendo esta entrevista referida como a mais indicada para obter dados passíveis de análise narrativa (Howitt, 2016; Murray, 2008).

Metodologia de Análise dos Dados

Sob uma perspetiva construcionista social, vários autores e investigadores têm chamado a atenção para a componente narrativa do ser humano, ou seja, que o ser humano, os acontecimentos e as suas experiências adquirem significado quando são organizados numa narrativa (Morgan, 2002). Esta narrativa assume a forma de história (McAdams, 1996; 2008), dado que as pessoas relatam diversos acontecimentos e experiências que vivenciaram ao longo do tempo, organizando-os não só em termos cronológicos mas também em termos de significado (McAdams, 2008). É de realçar que há acontecimentos que acarretam transformações consideráveis na história de vida e que colocam em causa/desafiam a visão que a pessoa tem sobre a vida e sobre si própria, constituindo um desafio à própria identidade (Mansfield, Pasupathi, & McLean, 2015; McAdams, 2001). Neste sentido, a perpetração de um crime violento, como o homicídio e, especificamente, a reclusão pela prática desse crime, pode constituir um desses acontecimentos.

Assim, a análise narrativa é a metodologia de análise adotada no presente estudo, porque permite compreender os significados que os participantes retiram ou constroem das suas experiências vividas ao longo da vida, bem como compreender a visão sobre si próprios/a sua identidade (McAdams, 2008). Só assim será possível compreender como é que a perpetração do homicídio é enquadrada e significada na trajetória de vida dos sujeitos e de que forma o perpetrador integra o crime e a reclusão na percepção de si, na sua identidade.

A análise foi desenvolvida seguindo as cinco etapas indicadas por Howitt (2016):

- (i) a leitura e familiarização com as entrevistas;
- (ii) a identificação de conceitos e categorias importantes/centrais, de forma a conseguir uma visão global dos padrões de significados das entrevistas;
- (iii) a identificação de temas e imagens narrativas, ou seja, de que forma os significados se organizam em temas mais amplos e as imagens ou metáforas que possam estar presentes na descrição dos acontecimentos;
- (iv) a identificação do tom narrativo, decorrente do estilo “emocional” adotado na forma como descrevem as situações;
- (v) a identificação das narrativas, analisando-se de que forma os temas, as imagens e o tom narrativos se organizam numa história coerente e como é que os participantes se descrevem e constroem ao longo da narrativa (aspectos identitários).

Para organizar a análise recorreu-se ao *software* de análise qualitativa de dados NVivo10.

IV. Resultados e Discussão

Os resultados serão apresentados de acordo com as questões de investigação já referidas e que orientaram a análise. Importa referir que apenas estão descritos os temas e subtemas mais referenciados pelos participantes.

Q11 – Que temas narrativos centrais surgem na história de vida dos/das homicidas? Como descrevem esses temas e que elementos integram? O crime de homicídio emerge como tema? Se sim, como é descrito e que elementos integra?

Da análise das histórias de vida dos ofensores, identificam-se cinco temas narrativos centrais: (i) a família, (ii) a vitimização, (iii) o crime, (iv) a reclusão e (v) as dependências (cf. tabela 2).

Tabela 2
Temas Centrais Referidos pelos Participantes

Temas	Nº de participantes	Nº de referências
Família	12	161
Vitimização	8	97
Crimes praticados	10	59
Reclusão	10	53
Dependências	6	50

A família é o tema mais abordado pelos sujeitos, quer a família de origem como a família constituída, focando em ambas situações de violência familiar (cf. tabela 3).

Tabela 3
Tema “Família”

Subtemas	Nº de participantes	Nº de referências
Família constituída	9	106
Vitimização	4	71
Os filhos como fonte de esperança e de recuperação	6	16
Perdas	6	12
Por morte	4	6
Por via da reclusão	2	4
Por afastamento	1	2
Momentos positivos	6	7
Família de origem	12	67
Perdas	12	32
Por morte	11	28
Por via da reclusão	3	3
Por afastamento	1	1
Momentos positivos	10	22
Negligência e abandono na infância	4	5
Violência familiar	5	12

Relativamente à **família constituída**, o discurso foca essencialmente situações adversas, nomeadamente a vitimização (PF1: *O primeiro soco que ele me deu estava eu grávida de 3 meses, deu-me um pontapé na barriga mas felizmente não aconteceu nada ao bebé*) e experiências de perda – por morte (PF1: *Este meu filho tinha 14 anos quando foi viver connosco. Faleceu, esse meu menino*), pela reclusão (PF2: *O meu mais velho não fala para mim por via de... de eu vir cá para dentro*) ou por afastamento (PM5: *Perder o contacto com esse filho, nunca mais soube dele, nem sei se está em Portugal*). No entanto, há um foco nos filhos como fonte de esperança e recuperação (PF2: *A minha vida e a vida dos meus filhos... a vida, a família, o amor... é o que me segura*), bem como breves referências a experiências positivas (PF3: *Eu era uma brincalhona, íamos ao churrasquinho, fazíamos...*). A **família de origem** também foi bastante referenciada por todos os participantes. Apesar de relatarem momentos positivos (PM1: *As férias em família, normalmente íamos para o Algarve e também aos domingos havia sempre*

convívios familiares), descreveram situações de negligência e abandono na infância (PF5: *Desde os 5 anos que eu fiquei muito magoada com o meu pai que me abandonou*). É de salientar que todos os participantes referiram perdas significativas, quer por morte (PM6: *Costumo dizer que perdemos 1/3 de nós próprios quando perdemos cada um dos nossos pais. Já perdi a minha mãe muito nova...*), por via da reclusão (PM3: *Os meus sobrinhos também, que no fundo perdi de certa forma ao vir para aqui*) ou por afastamento (PM5: *Tinha 16 anos quando os meus pais se separaram. Custou-me muito...*). Foram também relatados episódios de **violência familiar** (PF1: *O meu cunhado também tratava mal a minha irmã, ainda cheguei a ver algumas situações... ele quando lhe batia eu metia-me no meio e também apanhava*).

Vitimização

A maior parte dos participantes aborda experiências de vitimização em diferentes contextos, como nas relações de intimidade, na infância e adolescência e ainda, embora residual, institucional (cf. tabela 4).

Tabela 4
Tema “Vitimização”

Subtemas	Nº de participantes	Nº de referências
Nas relações de intimidade	4	77
Psicológica	2	42
Física	4	14
Sexual	1	1
Na infância e adolescência	7	15
Física	6	8
Interparental	2	4
Psicológica	2	4
Violação	1	2
Na escola	1	1
Institucional	2	6
Guardas prisionais	1	4
Polícia Judiciária	1	1
Professores	1	1

No contexto das **relações de intimidade**, a violência sofrida é essencialmente psicológica (PF1: *Ele estava sempre a provocar-me, a insultar-me, a chamar-me nomes que eu nem me atrevo a repetir*), física (PF3: *Eu aparecia toda negra... dizia que caía*) e sexual (PF1: *Os abusos sexuais e os palavrões obscenos que ele me chamava... isso destrói uma mulher*). No período da **infância e adolescência**, alguns participantes afirmaram ter sofrido violência física (PF5: *Tratava-nos mal, batia-nos com o cinto e o meu pai tentou-nos matar, a mim e à minha mãe, só que houve um senhor que nos agarrou e ele não conseguiu passar por cima de nós com a carrinha*), psicológica (PF2: *Marcou-me pela negativa quando ele (pai) apareceu. Depois ele já me queria bater, ele já queria mandar em mim, como se fosse mesmo verdadeiro, meu pai. Eu não... para mim... não era meu pai... era alguém estranho*), violação (PF3: *Fui violada aos 13 anos. Por um vizinho. Eu tinha corpo, era magrinha, mas sempre tive um bocadinho de peito, pronto...*), violência na escola (PM4: *Levava porrada na escola, fugia porque não gostava daquilo. Levava porrada da professora...*) e exposição à violência interpaparental (PF5: *Eles começaram-se a tratar mal, ele violava a minha mãe... batia-lhe...*). Alguns participantes referem já ter sofrido **violência institucional**, nomeadamente no contexto prisional (PF3: *Houve três (guardas) que me fecharam dentro do gabinete no ano passado. “Acha bonito o crime que você fez? E se agora pegassem na sua filha e lhe fizessem o mesmo?” e eu... só chorava... agora não consigo olhar para elas... e qualquer coisa, eu sei que elas vão... perseguir... mas o que é que eu lhes fiz?”*), pela Polícia Judiciária (PF3: *Levei muita porrada na Judiciária*) e, na infância, no contexto escolar (PM4: *Levava porrada da professora*).

Crimes praticados

São diversos os crimes já praticados e abordados pelos participantes no decorrer das entrevistas, sendo o homicídio aquele que mais referem, seguindo-se o tráfico, prostituição, assalto, roubo ou furto e falsificação (cf. tabela 5).

Tabela 5
Tema “Crimes Praticados”

Temas	Nº de participantes	Nº de referências
Homicídio	9	42
Arrependimento	5	17
Descrição do crime	7	14
Assumir o crime	6	12
Assalto à mão armada/Roubo/Furto	3	7
Prostituição	2	4
Tráfico	1	6
Falsificação	1	1

Como é possível verificar, o **homicídio** emerge como subtema destacado. Os participantes verbalizam principalmente arrependimento (PF1: *Como é que eu matei um ser humano?*) e descrevem, de forma espontânea, o crime que cometeram (PF5: *Eu para me defender, ele desviou-se assim... conforme ele se desviou, virou-se para a frente, eu era para lhe dar aqui no braço com a faca e acertei-lhe 4 centímetros no peito... e ele faleceu... faleceu na minha frente... eu vi... ele disse que ia morrer...*) e, cerca de metade dos participantes assume explicitamente que o cometeu (PF3: *Eu estou aqui por homicídio*). Também referem já ter cometido outros crimes, como **tráfico** (PF5: *Depois comecei a vender droga, fui parar à cadeia*), **assalto à mão armada/roubo/furto** (PM3: *Roubámos 500 e tal euros*), **prostituição** (PF3: *Fui vender o meu próprio corpo*) e **falsificação** (PM3: *O meu patrão tinha conta no Sottomayor e em desespero entrei no banco, sem documentos nem nada... dei apenas o nome dele e pedi para levantar dinheiro. A senhora deu-me um cheque e eu levantei dinheiro*).

Reclusão

No decorrer das entrevistas, os participantes falaram acerca da sua condição atual, ou seja, a reclusão e o seu impacto (cf. tabela 6).

Tabela 6
Tema “Reclusão”

Subtemas	Nº de participantes	Nº de referências
Reclusão	10	48
Aspetos negativos (dificuldades)	7	26
Sentimentos associados	7	16
Esperança e otimismo	6	11
Arrependimento	3	5
Aspetos positivos (mudanças)	2	8
Tentativa de suicídio	2	5

Neste âmbito, referiram **aspetos negativos/dificuldades** (PF6: *Um momento que é muito muito doloroso é a entrada cá, quando sabes que és presa e estás... é um sofrimento*), mas também foram capazes de identificar **aspetos positivos/mudanças pessoais positivas** (PF6: *Às vezes a minha família é assim: “olha, pega lá dinheiro para comprares umas coisinhas boas para ti” e eu começo a pensar: “realmente, vou comprar um miminho para mim, olha, um perfume, uma coisa feminina...”, coisas que lá fora nunca imaginaria*). Assim, denota-se alguma ambiguidade nos sentimentos associados à reclusão – por um lado, esperança e otimismo (PM1: *Tenho a certeza que o meu otimismo-realismo me levará a ultrapassar isto*) e, por outro, arrependimento (PF6: *Hoje em dia... eu fiz isto e digo: “fogo... porque é que eu fiz isto? Porquê?”*). A **tentativa de suicídio** também foi relatada por alguns participantes (PF4: *A minha ideia não era vir presa, a minha ideia era morrer antes disso. E tentei algumas vezes*).

Dependências

Metade dos participantes afirmou já ter tido algum tipo de dependência química, nomeadamente drogas e álcool (cf. tabela 7).

Tabela 7
Tema “Dependências”

Subtemas	Nº de participantes	Nº de referências
Droga	5	44
Consumo	5	34
Atividades ilícitas associadas ao consumo	3	7
Efeitos e consequências	3	6
Tratamentos	2	2
Álcool	2	6

No que respeita à dependência de **drogas**, alguns participantes afirmaram já ter consumido estas substâncias, principalmente cocaína e heroína (PF5: *Esta maldita cocaína que eu me fui meter... depois... comecei a injetar a cocaína... outras vezes fumava, outras vezes injetava a cocaína... prontos, caí na degradação*). Referiram também a prática de atividades ilícitas associadas a estes consumos (PM3: *No primeiro assalto roubámos 110 euros que serviu apenas para uma dose*), as consequências físicas e sociais do consumo (PF1: *Quando andava a consumir não tinha o período*; PM3: *Era o casamento do meu irmão mais novo. Fui comprar e consumi e atrasei-me imenso, perdi a cerimónia quase toda*), bem como as tentativas de reabilitação (PF1: *Antes de o conhecer eu já tinha feito uns cinco ou seis internamentos sem sucesso numa casa de saúde*). Por fim, **álcool** é outra dependência relatada (PF3: *Eu tenho o vício do álcool*).

Q12 – Como se descrevem a si próprios/próprias e aos outros? Como constroem a sua identidade?

Na descrição da sua história de vida e dos acontecimentos, os participantes veiculam noções sobre si próprios (cf. tabela 8) e sobre os outros (cf. tabela 9).

Tabela 8
Caracterização de Si Próprios

Caracterização do próprio	Nº de participantes	Nº de referências
Emotivo/Sensível/Boa pessoa	6	49
Transformação positiva	5	27
Lutador/Resiliente	5	11
Com qualidades/Capacidades	5	10

Descrevem-se como **pessoas emotivas e sensíveis** que, apesar do crime que cometeram, têm um bom coração e bons sentimentos para com os outros (PF1: *Uma pessoa como eu, com sentimentos tão nobres, que gosta de fazer bem a toda a gente e que gosta das pessoas...*). Referem também **mudanças/transformações positivas**, decorrentes da reclusão (PF6: *Eu agora é que estou a saborear a vida. Eu agora dou mais valor a mim, à minha pessoa*). Além disto, veiculam uma imagem de **lutadoras/resilientes** (PF1: *Tenho aquela capacidade de resiliência*; PF3: *Eu desafio-me a mim própria, daquilo que sou capaz. Luto e não desisto*), bem como são capazes de reconhecer em si **capacidades e qualidades** (PF4: *Não é para me gabar mas eu sei que sou muito inteligente, eu não preciso de estudar. Eu não sei alemão e tirei 19*).

Tabela 9
Caracterização dos Outros

Caracterização dos outros	Nº de participantes	Nº de referências
Manipuladores/Mal intencionados	4	14
Boas pessoas	3	5

Por contraponto, maioritariamente, descrevem os outros com quem se relacionaram ou relacionam como **manipuladores e com más intenções** (PF4: *Nós termos uma pessoa à nossa frente a chorar e a olhar-nos nos olhos e depois sabemos que era tudo mentira*). Há apenas breves **referências pela positiva às pessoas em geral** como forma de se identificarem e reforçarem o seu “bom coração”, apesar do crime (PF4: *Acho que toda a gente, sem exceção, procura... não é dinheiro, não é poder... é amor. Porque toda a gente quer, à noite, ir descansada para a cama. Toda a gente quer estar com as pessoas que ama*). Assim, verifica-se que constroem a sua identidade de forma positiva e pró-social, o

que é corroborado também pela forma como se projetam no futuro, perspetivando uma trajetória futura normativa e de uma reintegração bem sucedida (cf. tabela 10).

Tabela 10
Projeção no Futuro

Projeção no futuro	Nº de participantes	Nº de referências
Vida normal/Pró-social	8	13
Ter um trabalho	9	12
Dedicar-se/constituir família	6	7
Dedicar-se aos outros/Voluntariado	4	5

Desta forma, referem querer ter uma **vida normal** (PF4: *Quero viver o estilo de vida mais banal de sempre*), **ter um trabalho** (PM4: *Tentar um trabalho para ter um vida digna*), **dedicar-se à família** (PM1: *Passar o máximo de tempo com o meu filho*) e ainda **dedicar-se aos outros** através do voluntariado (PF2: *Depois vou ajudar aquelas crianças, tenho um sonho e tenho que ir ajudar aquelas crianças que não têm pais*).

QI3 – Há diferenças entre homens e mulheres homicidas? Se sim, quais? Em que se distinguem?

Verificam-se diferenças relevantes entre as narrativas dos homens e das mulheres (cf. tabela 11).

Tabela 11

Diferenças entre Homens Homicidas e Mulheres Homicidas

Temas e subtemas mais referenciados	Feminino	Masculino
Crime – homicídio	31	4
Arrependimento pelo crime cometido	15	1
Assumir o crime	10	1
Dependências		
Álcool	6	0
Drogas	14	20
Atividades ilícitas associadas ao consumo	6	1
Família	69	29
Violência no seio da família constituída	26	0
Violência no seio da família de origem	10	2
Aspetos negativos da reclusão (dificuldades encontradas)	15	2
Sentimentos associados à reclusão		
Arrependimento	3	1
Esperança e otimismo	7	3
Violência institucional	5	1
Violência sofrida na infância e adolescência	11	4
VRI física	12	0
VRI psicológica	13	0

As mulheres abordam de forma evidente o crime de homicídio. Estas verbalizam mais o seu arrependimento pela prática do homicídio e também assumem o crime mais facilmente. Também as mulheres referem dependências ao nível do álcool, ao contrário dos homens. Já em relação ao consumo de drogas, os homens apresentam maior dependência e histórico de consumos. Ainda nas dependências, as mulheres referem mais atividades ilícitas associadas ao consumo destas substâncias. A família é um tema presente nos dois grupos, no entanto, as mulheres referem-no muito mais do que os homens. É possível aferir que as mulheres sofreram vitimização no seio da família constituída, ao contrário dos homens, que não referem qualquer episódio e elas sofreram mais vitimização no seio das famílias de origem, do que os homens. Ambos os grupos referem aspetos negativos da reclusão, no entanto, as mulheres parecem sentir mais dificuldades de adaptação à prisão, bem como arrependimento, esperança e otimismo. Em termos de vitimização, as mulheres

parecem ser as maiores vítimas, além de o terem sido tanto na família de origem como na constituída, referem também situações de vitimização institucional, maioritariamente por parte de guardas prisionais, vitimização na infância e adolescência e ainda nas relações de intimidade, nomeadamente física e psicológica. Constatam-se também diferenças identitárias (cf. tabela 12).

Tabela 12

Diferenças Identitárias entre Homens Homicidas e Mulheres Homicidas

Aspetos identitários	Feminino	Masculino
Caracterização do próprio	77	1
Boa pessoa/Sensível/Sociável	35	0
Transformação positiva na cadeia	21	0
Lutador	9	1
Com capacidades	8	0
Caracterização dos outros	11	0
Manipuladores/Más pessoas	7	0
Boas pessoas	4	0
Projeção no futuro	16	18
Vitimizadora	47	27
Revoltada	18	8
Pessimista	10	3
Otimista	8	12
Vida normal	6	6
Ter uma profissão/Obter habilitações	5	6
Dedicação familiar	3	3
Incerteza	1	1
Voluntariado	1	2

Também ao nível identitário, homens e mulheres apresentam bastantes diferenças. É possível observar que as mulheres falam mais acerca de si próprias e dos outros, do que os homens. Elas caracterizam-se como boas pessoas, sensíveis e sociáveis, lutadoras e com capacidades e apontam transformações positivas alcançadas na cadeia. Relativamente aos outros e à forma como os vêm, a maioria das mulheres caracterizam-nos como manipuladores e más pessoas, no entanto, algumas mulheres reconhecem que existem boas

peçoas. Homens e mulheres projetam-se no futuro também de formas diferentes. As mulheres apresentam um discurso mais vitimizador, revoltado e pessimista que os homens. Por outro lado, os homens projetam-se de uma forma mais otimista, visando no futuro uma profissão e a obtenção de mais habilitações académicas, bem como ações de voluntariado. Ambos os sexos sonham com uma vida normal, em que possam dedicar-se à família. A incerteza acerca do futuro também está presente no discurso de alguns participantes.

QI4 – É possível identificar uma narrativa comum entre os/as homicidas ou há narrativas distintas? Como se articulam as narrativas com o crime de homicídio?

Ao longo da descrição da sua história de vida, é possível identificar quatro tons narrativos veiculados nos seus relatos (cf. tabela 13).

Tabela 13
Tons Narrativos

Tons narrativos	N.º de participantes	N.º de referências	Mulheres	Homens
			N.º ref.	N.º ref.
Sofredor	12	87	47	27
Revoltado	10	29	18	8
Otimista	9	28	8	12
Pessimista	6	13	10	3

Verifica-se que todos adoptam maioritariamente um tom **sofredor** (PF1: *Sentia-me a pior mulher à face da terra...*). No entanto, há notórias diferenças, uma vez mais, entre os homens e as mulheres. Apesar de ambos adoptarem um tom sofredor, o das mulheres decorre do contexto de vitimização que sofreram (PF1: *Eu já tinha levado por nada, ele estava sempre a provocar-me, a insultar-me, a chamar-me nomes que eu nem me atrevo a repetir... e eu digo-lhe aquilo e ele vem para mim e atira-me o copo de vinho, quer dizer...*), enquanto o dos homens decorre de situações de vida que não correram como esperado (PM3: *Não tinha nada, entrei em casa como tinha saído há sete anos. Sem nada! Vinha de um mundo à parte... senti-me mal, sentia que não tinha prestígio, sentia-me um zero insignificante*). Assim, são as mulheres que manifestam um tom mais **revoltado**, revolta esta que surge no contexto de uma trajetória de vida da vitimização que sofreram e

que culminou no homicídio (PF3: *Depois eu entrei aqui revoltada... entro aqui e não sabia o que era uma cadeia, contei a minha vida e sabe... as pessoas... falam entre os dentes “assassina”*), enquanto os homens veiculam uma revolta geral relativa às desigualdades e injustiça em geral (PM6: *Não me conformo com a desigualdade social que o mundo dito ocidental está a seguir*). No seguimento, as mulheres manifestam um tom também mais **pessimista** (PF4: *Não sei como é que vou gerir isto lá fora (...) é muito fácil nós sermos enganadas... e começa-me a assustar o mundo lá fora, sinceramente*), enquanto os homens assumem um tom notoriamente mais **otimista** (PM1: *Tenho a certeza que o meu otimismo-realismo me levará a ultrapassar isto*). Assim, considerando os temas que constroem, os aspetos identitários e o tom narrativo, podemos concluir que há uma **narrativa sofredora** comum. No entanto, esta é distinta para homens e mulheres. Há uma **narrativa feminina sofredora de vitimização**, que culminou no homicídio, enquanto a masculina se trata de uma **narrativa sofredora de frustração/fracasso**, por não verem corroboradas as suas expectativas e desejos, levando-os a adotar comportamentos criminais (roubo, tráfico, conflitos violentos), que levaram ao homicídio.

V. Conclusão

No presente estudo, procurou-se, por um lado, compreender os significados que os homicidas retiram ou constroem das suas experiências ao longo da vida, incluindo a prática do crime de homicídio. Por outro, procurou-se compreender de que forma as suas experiências se organizam em narrativas e que aspetos identitários veiculam.

Da análise das suas histórias de vida, verifica-se que as suas experiências se estruturam em redor de alguns temas centrais – a família, a vitimização, o problema das dependências, o crime e a reclusão. A família surge como o alicerce para a construção de toda a narrativa, pautada, paradoxalmente (ou não), por emoções e experiências contraditórias – por um lado, é fonte de satisfação e felicidade (que projetam também no futuro) mas, por outro, constitui uma fonte de más experiências, adversidade e vitimização. Assim, a vitimização surge como um tema central, principalmente no caso das mulheres homicidas, que maioritariamente cometeram o crime como resposta à violência reiterada dos companheiros. No entanto, também os homens relatam situações de vitimização, principalmente na infância. Globalmente, a perpetração do homicídio surge enquadrada num conjunto de experiências de vitimização ou de outras adversidades, incluindo o

consumo de substâncias, que facilitaram o envolvimento em práticas antissociais e o desenvolvimento de uma trajetória criminal até ao crime violento (homicídio), culminando na reclusão.

Esta organização das experiências permite-lhes manter uma identidade positiva, descrevendo-se, como se verificou na descrição dos resultados, como pessoas sensíveis e emotivas que, em última instância, terão cometido o crime como resposta às circunstâncias adversas da vida e de forma emotiva – o que na literatura corresponde à agressão reativa e não instrumental.

Depois de comparadas as histórias de vida, verificaram-se diferenças entre as narrativas das mulheres e dos homens homicidas, o que vai ao encontro da investigação (Fox & Fridel, 2017; Pacheco, 2014). É possível observar uma narrativa emotiva e mais detalhada nas mulheres, incluindo o crime. Estas, de uma forma geral e espontânea, referem os acontecimentos que precipitaram o homicídio. Por outro lado, os homens apresentam uma narrativa mais superficial e não abordam o crime de uma forma tão explícita e detalhada.

Os resultados revelaram uma narrativa mais sofredora das mulheres, com um historial de vitimização que as levou a matar o seu agressor. Estes dados são corroborados pela literatura, que indica que estas mulheres, que matam os seus parceiros em autodefesa, frequentemente sofreram reiteradas agressões no seio destas relações abusivas (Brommer, 1997). Esta narrativa sofredora poderá também sustentar-se no “síndrome da mulher batida”, que se caracteriza pela incapacidade da vítima de reagir à violência, de fugir quando é atacada ou de abandonar o seu agressor, numa conjugação de baixa autoestima, medo, depressão, culpa e passividade (Walker, 1979; 1984).

Relativamente às diferenças de género, percebeu-se que as mulheres abordam explicitamente o crime, ao contrário dos homens, que são quase omissos a este respeito. Isto poderá explicar-se também pelo longo historial de vitimização que elas apresentam, que tem início, muitas vezes, nas suas famílias de origem, e que se replica nas relações de intimidade. Uma vez que sofreram violência durante toda a vida, assumir e detalhar o crime poderá ser mais uma forma de justificar os seus atos e minimizar as suas consequências e, de alguma forma, diminuir os seus próprios sentimentos de culpa. Não é, por isso, surpreendente que as mulheres revelem também mais sentimentos de arrependimento face ao crime.

Ao nível identitário, também se observaram diferenças. As mulheres falam mais sobre si próprias e vêem-se como boas pessoas, sensíveis e sociáveis, lutadoras e com capacidades, nomeadamente de resiliência, de “dar a volta” em situações adversas e, em especial, durante a reclusão. Este autorrelato poderá também ser explicado pelas representações sociais femininas interiorizadas pelas próprias e que estão vigentes na nossa sociedade, que vê a mulher como um ser frágil, sensível e delicado e não agressivo ou violento. Assim, quando emprega violência, além de violar a proibição de matar, ela viola também o que se supõe ser a sua própria condição feminina (Badinter, 1993).

As diferenças de género identificadas neste estudo poderão ter algumas implicações práticas, nomeadamente ao nível das medidas interventivas que procuram promover a sua reintegração social. Tendo em conta que as mulheres homicidas apresentam um longo historial de vitimização, há a necessidade de desenvolver intervenções sensíveis às questões de género e que considerem a vitimização (Anderson et al., 2019). O *Trauma-Informed Treatment* (TIT) é a intervenção que tem sido como mais indicada para reclusos com historial de vitimização, procurando trabalhar com os sujeitos a compreensão sobre como a vitimização e o crime se relacionam e condicionaram a sua vida, contribuindo para a sua situação ou problemas atuais (Jansen, 2018). Além disto, o TIT promove o *empowerment* e a capacitação (Elliot, Bjelajac, Falot, Markoff, & Reed, 2005), motivando e envolvendo os reclusos com historial de vitimização no processo de mudança rumo a uma trajetória de reintegração social.

De notar que, apesar da narrativa sofredora comum, nas mulheres apresenta-se como uma **narrativa de vitimização** (que culminou no homicídio), enquanto nos homens é uma **narrativa que se reveste de frustração/fracasso**, adotando comportamentos criminais por sentirem os seus objetivos ou expectativas frustradas. Assim, no caso dos homens homicidas, é essencial investir no reconhecimento e o assumir da responsabilidade pelas suas escolhas, bem como na promoção de comportamentos alternativos ao crime/pró-sociais para conseguirem uma reintegração social bem sucedida. Isto é particularmente importante, dado que todos projetam objetivos no futuro pró-sociais, sendo importante intervir nas ações para atingir esse futuro pró-social.

VI. Referências

- Abrunhosa, C. (2018). *Crimes against women: From violence to homicide*. (Dissertação de Mestrado). Universidade do Minho. Braga.
- Alavijeh, M. M., Mostafavi, F., Ahmadpanah, M., Matin, B. K., Amoei, M. R., & Jalilian, F. (2015). Murder and motivation: a qualitative study. *Avicenna J Neuro Psych Physio*, 2(2), e27838. doi: 10.17795/ajnpp-27838.
- Almeida, F. (1999). Homicidas em Portugal. Instituto Superior da Maia. Publismai. Maia.
- Anderson, D. J., Pitner, R. O., & Wooten, N. R. (2019). A gender-specific model of trauma and victimization in incarcerated women. *Journal of Human Behavior in the Social Environment*, 30 (2), 191-212. doi: 10.1080/10911359.2019.1673272
- Anderson, E. (1999). *Code of the Streets: Decency, Violence, and the Moral Life of the Inner City*. New York, W. W. Norton. USA.
- Arif, I., Jawaid, S. T., & Iqbal, S. (2017). Dynamics of Homicide Rates in Asian Countries: A Quantitative Study. *Abasyn Journal of Social Sciences, Vol (10), Issue (1)*.
- Badinter, E. (1993). *XY La identidad masculina*. Colombia: Norma.
- Barbosa, B. (2015). *Autores de homicídios passionais: narrativas do crime, histórias de vida e dos relacionamentos*. (Dissertação de Mestrado). Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Brasil.
- Beasley, J. (2004). Serial Murder in America: Case Studies of Seven Offenders. *Behav. Sci. Law*, 22, 395-414. doi: 10.1002/bsl.595.
- Beato Filho, C., Marinho, K. & Oliveira Júnior, A. (2008). “Reforma policial no Brasil”, em Cláudio Chaves Beato Filho (org.), *Compreendendo e Avaliando Projetos de Segurança Pública*. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 167-217. Brasil.
- Bechiarelli, E. C. (n.d.). Ante la Derogación del artículo 410 del Código Penal: Especial valoración de la Expresión Típica Ocultar la Deshonra [Em linha], p. 261.
- Beraldo Júnior, B. R. (2004). Legítima defesa da honra como causa excludente de antijuridicidade. *Jus Navigandi*, 367.
- Bernat, F. (2017). Immigration and Crime. *Oxford Research Encyclopedia of Criminology*. Online Publication Date: Apr 2017. doi: 10.1093/acrefore/9780190264079.013.93.
- Bhatia, S. C., Khan, M. H., Mediratta, R. P., & Sharma, A. (1987). High Risk Suicide Factors Across Cultures. *International Journal of Social Psychiatry*, 33(3), 226-236. doi:10.1177/002076408703300307.

- Blagden, N. & Pemberton, S. (2010). The Challenge in Conducting Qualitative Research with Convicted Sex Offenders. *The Howard Journal of Criminal Justice*, Vol. 49, Issue 3, 269-281. doi: <http://dx.doi.org/10.1111/j.1468-2311.2010.00615.x>.
- Blair, R. J. R. (2010). Neuroimaging of psychopathy and antisocial behavior: A target review. *Current Psychiatry Reports*, 12, 76-82.
- Borges, L. (2009). Homicídio conjugal: comparações quanto ao sexo dos agressores. *Estudos e pesquisas em Psicologia, UERJ, RJ, Ano 9, N. 3*, 775-780. Rio de Janeiro. Brasil.
- Borges, L. (2011). Crime passionnal ou homicídio conjugal. *Psicologia em Revista, Belo Horizonte*, Vol. 17(3), 433-444. Brasil.
- Botelho, M. & Gonçalves, R. A. (2016). Why do people kill? A critical review of the literature on factors associated with homicide. *Agression and Violent Behavior*, 26, 9-15. doi: <https://doi.org/10.1016/j.avb.2015.11.001>.
- Brauer, J. & Gomez-Sorzano, A. G. (2004). Homicide Cycles in Colombia, 1950-1999. *International Journal of Applied Econometrics and Quantitative Studies*, Vol. 1-1.
- Brommer, S. (1997). The legal liminality of battered women who kill their abusers. *Political and Legal Anthropology Review, American Anthropological Association, Arlington*, v. 20, n. 2, 16-33.
- Bursik, R. J., Jr. (1988). Social disorganization and theories of crime and delinquency: Problems and prospects. *Criminology*, 26, 516-552.
- Caman, S., Howner, K., Kristiansson, M., & Sturup, J. (2016). Differentiating Male and Female Intimate Partner Homicide Perpetrators: A Study of Social, Criminological and Clinical Factors. *International Journal of Forensic Mental Health*, Vol. 15, No. 1, 26-34. doi: <http://dx.doi.org/10.1080/14999013.2015.1134723>.
- Canavarro, M. C. (2007). Inventário de Sintomas Psicopatológicos: Uma revisão crítica dos estudos realizados em Portugal. In M. Simões, C. Machado, M. Gonçalves, & L. Almeida (Eds.), *Avaliação psicológica: Instrumentos validados para a população Portuguesa* (vol. III, pp. 305-331). Coimbra: Quarteto Editora.
- Canter, D., Alison, L., Alison, E., & Wentik, N. (2004). The Organized/Disorganized Typology of Serial Murder. Myth or Model?. *Psychology, Public Policy and Law*, Vol. 10, n° 3, 293- 320.

- Carvalho, C. (2016). *Correlação entre o consumo de álcool e violência entre parceiros íntimos numa amostra de estudantes universitários*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa.
- Chan, H. C. & Heide, K. M. (2008). Weapons used by juveniles and adult offenders in sexual homicides: An empirical analysis of 29 years of U.S. data. *Journal of Investigative Psychology and Offender Profiling*, 5(3), 189-208.
- Chan, H. C., Beauregard, E., & Myers, W. C. (2015). Single-Victim and Serial Sexual Homicide Offenders: Differences in Crime, Paraphilias and Personality Traits. *Criminal Behavior and Mental Health*, 25, 66-78. doi: 10.1002/cbm.1925.
- Constituição da República Portuguesa (2005). Retirado de <https://www.parlamento.pt/Legislacao/paginas/constituicaoerepublicaportuguesa.aspx#art24>.
- Cunha, O. S. & Gonçalves, R. A. (2016). Predictors of Intimate Partner Homicide in a Sample of Portuguese Male Domestic Offenders. *Journal of Interpersonal Violence*, 1-26. doi:10.1177/0886260516662304.
- Daemon, F. (2016). “Morri para inspirar vocês”: uma análise das narrativas em disputa perpetradas por jovens homicidas/suicidas em ambientes escolares. *Ver Eletron Comum Inf Inov Saúde*, 10(4).
- Dantas, S., Santos, A., Dias, I., Dinis-Oliveira, R. J., & Magalhães, T. (2014) Parricide: A forensic approach. *Journal of Forensic and Legal Medicine*, 22, 1-6.
- Darby, P. J., Allan, W. C., Kashani, J. H., Hartke, K. L., & Reid, J. C. (1998). Analysis of 112 juveniles who committed homicide: Characteristics and closer look at family abuse. *Journal of Family Violence*, 13, 365-375.
- Decker, S. H. & Curry, G. D. (2002). *Gangs, Gang Homicides, and Gang Loyalty: Organized Crimes or Disorganized Criminals*. *Journal of Criminal Justice*, 30, 343-352.
- Dias, D. (2015). *Comportamento delinvente e consumo de substâncias psicoativas ilícitas em jovens com inquérito/medida tutelar educativa*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Católica Portuguesa.
- Dolan, M. & Smith, C. (2001). Juvenile offenders: 10 years' experience of adolescent forensic psychology service. *The Journal of Forensic Psychiatry*, 12, 313-329.
- Elliott, D. E., Bjelajac, P., Fallot, R. D., Markoff, L. S., & Reed, B. G. (2005). Trauma-Informed or Trauma-Denied: Principles and Implementation of Trauma-Informed

- Services for Women. *Journal of Community Psychology*, 33(4), 461–477. doi: <https://doi.org/10.1002/jcop.20063>.
- Ferrão, J. (2012). *Perturbações da personalidade em reclusos condenados por homicídio* (Dissertação de Mestrado). Universidade de Aveiro.
- Ferreira, M., Neves, S., & Gomes, S. (2018). Matar ou Morrer – Narrativas de mulheres, vítimas de violência de género, condenadas pelo homicídio dos seus companheiros. *Configurações, Revista de sociologia*, 21. doi: 10.4000/configuracoes.5171.
- Ferrito, M., Vetere, A., Adshead, G., & Moore, E. (2012). Life after homicide: accounts of recovery and redemption of offender patients in a high security hospital – a qualitative study. *Journal of Forensic Psychiatry & Psychology*, 23, 1-18. doi: 10.1080/14789949.2012.668211.
- Feshbach, S. (1964). The function of aggression and the regulation of aggressive drive. *Psychological Review*, 71, 257-272.
- Fisher, D. & Beech, A. R. (2007). Identification of motivations for sexual murder. In J. Proulx, E. Beauregard, M. Cusson, & A. Nicole (Eds.), *Sexual murderers: A comparative analysis and new perspectives*, 175-190. Hoboken, NJ: Wiley. USA.
- Flick, U. (2005). Métodos qualitativos na investigação científica. Monitor. Lisboa.
- Folino, J. O. (2000). Sexual homicide and their classification according to motivation: A report from Argentina. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 44, 740-750.
- Fox, J. & Fridel, E. (2017). Gender Differences in Patterns and Trends in U.S. Homicide, 1976–2015. *Violence And Gender, Volume 4, Number 2*. doi: 10.1089/vio.2017.0016.
- Francis, B. & Soothill, K. (2000). Does sex offending lead to homicide?. *Journal of Forensic Psychiatry*, 11, 49-61.
- Gartner, R., Dawson, M., & Crawford, M. (2001). “Women killing: Intimate femicide in Ontario, 1974-1994”, In D. Russell & R. Harmes (Eds.), *Femicide in global perspective*, New York, Teacher College Press. USA.
- Golenkov, A., Large, M., Nielsens, O., & Tsymbalova, A. (2016). Homicide and mental disorder in a region with a high homicide rate. *Asian Journal of Psychiatry*, 23, 87-92. doi:10.1016/j.ajp.2016.07.015.
- Grubin, D. (1994). Sexual murder. *The British Journal of Psychiatry*, 165, 624-629.

- Hall, M. & Rossmanith, K. (2016). Imposed stories: Prisoner self-narratives in the criminal justice system in New South Wales, Australia. *International Journal for Crime, Justice and Social Democracy*, 5(1), 38-51. doi: 10.5204/ijejsd.V5i1. 284.
- Hardcastle, L., Dowse, L., McGillivray, J., Newton, D., Rowe, S., & Crosbie, J. (2018). *A qualitative study of the experiences of ex-prisoners who are seeking employment, the experiences of practitioners who work with ex-prisoners who are seeking employment and models of practice used*. UNSW Sydney. doi: 10.26190/5b4fd5e63e8c6.
- Hiroze, J. (1979). Depression and homicide: A psychiatric and forensic study of four cases. *Acta Psychiatrica Scandinavica*, 59, 211-217.
- Hochstetler, A., Copes, H., & Williams, J. P. (2010). "That's Not Who I Am:" How Offenders Commit Violent Acts and Reject Authentically Violent Selves. *Justice Quarterly*, vol.27, 4. doi: 10.1080/07418820903173344.
- Holland, K., Brown, S., Hall, J., & Logan, J. (2018). Circumstances Preceding Homicide-Suicides Involving Child Victims: A Qualitative Analysis. *J Interpers Violence*, 33(3), 379-401. doi: 10.1177/0886260515605124.
- Howitt, D. (2016). *Introduction to qualitative research methods in psychology*. Harlow: Pearson.
- Jansen, E. (2018). *Integrating Trauma Informed Care into the Treatment of Adult Male Sex Offenders: A Systematic Review*. Retrieved from Sophia, the St. Catherine University repository website: https://sophia.stkate.edu/msw_papers/826.
- Kamaluddin, M. R., Othman, A., Ismail, K., & Mat Saat, G. A. (2017). Psychological markers underlying murder weapon profile: a quantitative study. *Malaysian J Pathol*, 39(3), 217-226.
- Kerr, K. & Beech, A. (2015). A Thematic Analysis of the Motivation Behind Sexual Homicide From the Perspective of the Killer. *Journal of Interpersonal Violence*, 1-26. doi: 10.1177/0886260515585529.
- Kivivuori, J., Suonpää, K., & Lehti, M. (2014). Patterns and theories of European homicide research. *European Journal of Criminology*, Vol. 11(5), 530-551. doi: 10.1177/1477370814536833.
- Koenraadt, F. & Liem, M. (2007). Homicide-suicide in the Netherlands: A study of newspaper reports, 1992-2005. *The Journal of Forensic Psychiatry & Psychology*, 18(4), 482-493.

- Konvalina-Simas, T. (2012). *Profiling criminal. Introdução à análise comportamental no contexto investigativo*. Rei dos Livros. Lisboa.
- Korosec, L. (2012). *The Changing Nature of Homicide and Its Impact on Homicide Clearance Rates: A Quantitative Analysis of Two Trends From 1984-2009*. (Master Dissertation). University of Western Ontario. USA.
- Kraemer, G. W., Lord, W. D., & Heilbrun, K. (2004). Comparing Single and Serial Homicide Offenses. *Behavioral Sciences and the Law*, 22, 325-343. doi: 10.1002/bsl.581.
- Leone, G. (2016). *Representations of stranger and non-stranger homicide: a qualitative content analysis of Canadian news media*. (Dissertation). doi: <http://scholars.wlu.ca/etd/1888>.
- Liem, M. & Koenraadt, F. (2007). Homicide-suicide in the Netherlands: A study of newspaper reports, 1992-2005. *Journal of Forensic Psychiatry & Psychology*, 18(4), 482-493. doi: 10.1080/14789940701491370.
- Liem, M. (2010). *Homicide followed by Suicide. An empirical analysis*. (Dissertation). Utrecht University. The Netherlands.
- Liem, M., Zahn, M. A., & Tichavsky, L. (2014). Criminal Recidivism Among Homicide Offenders. *Journal of Interpersonal Violence*, 1-22. doi: 10.1177/0886260513517302.
- Liles, A. (2018). *The life course of female homicide offenders: the context of turning points*. Georgia College and State University. USA.
- Lisboa, M., Barroso, Z., Patrício, J., & Leandro, A. (2009). *Violência e Género – Inquérito Nacional sobre a Violência Exercida contra Mulheres e Homens*. Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género. Lisboa.
- Lobo, C. (2007). *A P-Scan de Robert Hare na avaliação da Psicopatia: Estudo exploratório numa amostra de reclusos portugueses*. (Dissertação de Mestrado). Universidade do Minho. Braga.
- Loftin, C. (1986). Assaultive violence as a contagious social process. *Bulletin of the New York Academy of Medicine*, 62(5), 550-555.
- Loinaz, I., Marzabal, I., & Andrés-Pueyo, A. (2018). Risk factors of female intimate partner and non-intimate partner homicides. *The European Journal of Psychology Applied to Legal Context*, 10, 49-55. doi: <https://doi.org/10.5093/ejpalc2018a4>.

- Louceiro, A. F. (2008). *Estudo exploratório para a definição de uma tipologia do comportamento criminal no homicídio*. (Dissertação de Mestrado). Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa. Lisboa.
- Lund, L. E. & Smorodinsky, S. (2001). Violent Death among Intimate Partners: A Comparison of Homicide and Homicide Followed by Suicide in California. *Suicide and Life Threatening Behavior*, 451-459.
- Makki, S. H. & Santos, M. L. (2010). Gênero e criminalidade: Um olhar sobre a mulher encarcerada no Brasil. In: *Âmbito Jurídico, Rio Grande, XIII, n. 78*. Brasil.
- Maniglio, R. (2010). The role of deviant sexual fantasy in the etiopathogenesis of sexual homicide: A review. *Aggression and Violent Behavior*, 15, 294-302.
- Mansfield, C., Pasupathi, M., & McLean, K. (2015). Is narrating growth in stories of personal transgressions associated with increased well-being, self-compassion, and forgiveness of others?. *Journal of Research in Personality*, 58, 69-83.
- Mateus, J. (2009). *Caracterização do homicida de crianças: o discurso psicológico e o discurso do direito*. (Dissertação de Mestrado). Instituto Superior de Psicologia Aplicada. Lisboa.
- McAdams, D. P. (1996). Personality, modernity and the storied self: a contemporary framework for studying persons. *Psychological Inquiry*, 7, 295-331.
- McAdams, D. P. (2001). The psychology of life stories. *Review of general psychology*, 5(2), 100-122.
- McAdams, D. P. (2008). Personal narratives and the life story. In J. R. W. Robins & L. A. Pervin (Eds.), *Handbook of personality: Theory and research* (3rd ed., pp. 242-262). New York, NY: Guilford Press.
- McPhedran, S., Eriksson, L., Mazerolle, P., De Leo, D., Johnson, H., & Wortley, R. (2015). Characteristics of Homicide-Suicide in Australia: A Comparison With Homicide-Only and Suicide-Only Cases. *Journal of Interpersonal Violence*, Vol. 33(11), 1805-1829. doi: <https://doi.org/10.1177/0886260515619172>.
- Mendelson, T., Turner, A. K., & Tandon, S. D. (2010). Violence exposure and depressive symptoms among adolescents and young adults disconnected from school and work. *Journal of Community Psychology*, 38, 607-621.
- Miethe, T. & Regoeczi, W. (2003). *Taking on the Unknown: A Qualitative Comparative Analysis of Unknown Relationship Homicides*. Cleveland State University. USA.

- Miethe, T. D. & Drass, K. A. (1999). *Exploring the social context of instrumental and expressive homicides: an application of qualitative comparative analysis*. University of Nevada. USA.
- Morgan, A. (2002). Beginning to use a narrative approach in therapy. *The international journal of narrative therapy and community work*, 1, 85-90.
- Moura, J. (2009). *Personalidade e comportamento criminal: estudo com homicidas, ofensores violentos e perigosos e ofensores patrimoniais* (Dissertação de Mestrado). Instituto Superior de Ciências da Saúde do Norte.
- Murray, M. (2008). Narrative psychology. In J. A. Smith (ed.), *Qualitative psychology: a practical guide to research methods*, 111-132. London: Sage.
- Myers, W. C., Husted, D. S., Safarik, M. E., & O'Toole, M. E. (2006). The motivation behind serial sexual homicide: Is it sex, power, and control, or anger?. *Journal of Forensic Sciences*, 51, 900-907.
- Nee, C. (2004). The offender's perspective on crime: methods and principles in data collection. In A. Needs and G. Towl (Eds.), *Applying psychology to forensic practice*. Oxford: British Psychological Society and Blackwell. UK.
- Pacheco, M. (2014). *Criminalidade Adulta: Fatores de Risco e Diferenças de Género*. (Dissertação de Mestrado). Universidade do Minho. Braga.
- Peixoto, A. (2012). *Propensão, Experiências e Consequências da Vitimização: Representações Sociais*. (Tese de Doutoramento). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- Pereira, C. (2012). *Caracterização da população inimputável em medida de segurança*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Católica Portuguesa.
- Pertursson, H. & Gudjonsson, G. H. (1981). Psychiatric aspects of homicide. *Acta Psychiatrica Scandinavica*, 64, 364-372.
- Raine, A. (2013). *The anatomy of violence: The biological roots of crime*. New York, NY: Random House. USA.
- Raymond, S., Leger, A. S., & Lachaux, B. (2015). A descriptive and follow-up study of 40 parricidal patients hospitalized in a French secure unit over a 15-year period. *Int J Law Psychiatry*, 41, 43-49.
- Regoeczi, W. C. & Miethe, T. D. (2003). *Taking the unknown: a qualitative comparative analysis of unknown relationship homicides*. Cleveland State University. USA.

- Reis, L. (2016). *Violência doméstica e aspectos cognitivos do agressor: análise quantitativa*. (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo. Brasil.
- Resnick, P. J. (1969). Child murder by parents: a psychiatric review of filicide. *American Journal of Psychiatry*, *126*, 325-334.
- Ressler, R. K., Burgess, A. W., Hartman, C. R., Douglas, J. E., & McCormack, A. (1986). Murderers who rape and mutilate. *Journal of Interpersonal Violence*, *1*, 273-287.
- Revitch, E. & Schlesinger, L. (1989). *Sex murder and sex aggression: Phenomenology, psychopathology, psychodynamics and prognosis*. Springfield, IL: Charles C Thomas. USA.
- Ritchie, J. & Lewis, J. (2003). *Qualitative Research Practice – A Guide for Social Science Students and Researchers*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications Ltd. London.
- Roberts, A. R., Zgoba, K. M., & Shahidullah, S. M. (2007). Recidivism among four types of homicide offenders: An exploratory analysis of 336 homicide offenders in New Jersey. *Aggression and Violent Behavior*, *12*, 493-507.
- Roberts, J. V. & Grossman, M. G. (1993). Sexual homicide in Canada: A descriptive analysis. *Annals of Sex Research*, *6*, 5-25. doi: 10.1007/BF00849743.
- Rocha, A. (2014). *Estudo dos Homicidas no Estabelecimento Prisional de Santa Cruz do Bispo*. (Dissertação de Mestrado). Instituto Universitário da Maia.
- Rodrigues, D. (2018). *Perfil da homicida portuguesa*. (Projeto de Licenciatura). Universidade Fernando Pessoa.
- Roe-Sepowitz, D. E. (2009). Comparing Male and Female Juveniles Charged With Homicide: Child Maltreatment, Substance Abuse and Crime Details. *Journal of Interpersonal Violence*, *Volume 24*, 601-617. doi: 10.1177/0886260508317201.
- Rosenfeld, R. (2016). *Documenting and Explaining the 2015 Homicide Rise: Research Directions*. National Institute of Justice, Office of Justice Programs, U.S. Department of Justice. USA.
- Sahin, E., Sahin, M. F., Tavasli, A., Gul, M. C., Seyhan, O. F., Demirbuga, S., & Aliustaoglu, F. S. (2016). Parricide cases of adult offenders from Turkey: A descriptive study. *J Forensic Leg Med*, *39*, 151-155.
- Salfati, C. G. (2000). The Nature of Expressiveness and Instrumentality in Homicide: Implications for Offender Profiling. *Homicide Studies*, *4*, 265. doi: 10.1177/1088767900004003004.

- Salfati, C. G. (2001). The Nature of Expressiveness and Instrumentality in Homicide: Implications for Offender Profiling. *Homicide Studies*, 4, 265. doi: 10.1177/1088767900004003004.
- Sampilo, R. S. (2016). *Violência e consumo de drogas em adolescentes: um estudo de autorrelato nas escolas do Porto*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Fernando Pessoa. Porto.
- Santiago, B. R. & Saliba, M. G. (2016). Eu, prisioneira de mim: análise da influência da violência de gênero na inserção da mulher no mundo do crime. *Revista de Movimentos Sociais e Conflitos, Brasília*, v. 2, n. 1, 205-233. doi: 10.21902.
- Schlesinger, L. B. (2004). *Sexual murder: Catathymic and compulsive homicides*. Boca Raton, FL: CRC Press.
- Sewall, L., Krupp, D., & Lalumière, M. (2012). A Test of Two Typologies of Sexual Homicide. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, 25(1), 82-100. doi: 10.1177/1079063212452617.
- Shumaker, D. M. & Prinz, R. J. (2000). Children who murder. A review. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 3, 97-115.
- Silva, O., Santos, L., Ribeiro, J., Braga, E., Oliveira, S., & Dias, C. (2016). Mulheres que cometeram homicídio: representações, práticas e trajetórias sócio-criminais. *Revista de Psicologia da IMED*, 8(1), 20-29. doi: 10.18256/2175-5027/psico-imed.v8n1p20-29.
- Silverman, D. (2011). *Interpreting qualitative data: A guide to the principles of qualitative research*. Sage Publications. London.
- Silverman, R. A. & Mukherjee, S. K. (1987). Intimate homicide: An analysis of violent social relationships. *Behavioral Sciences and the Law*, 5, 37-47.
- Simões, P. (2016). *Avaliação psicobiológica da responsabilidade criminal em homicidas sexuais*. (Tese de Doutorado). Universidade de Évora.
- Soares, G. (2008). *Não Matarás: Desenvolvimento, Desigualdade e Homicídios*. Rio de Janeiro, Editora FGV. Brasil.
- Stanford, M., Houston, R., & Baldridge, M. (2008). Comparison of impulsive and premeditated perpetrators of intimate partner violence. *Behavioral Sciences and the Law*, 26, 709-722. doi: 10.1002/bsl.80.
- Taylor, R. & Jasinski, J. (2011). "Femicide and the feminist perspective", *Homicide Studies*, 15(4), 341-362. doi: 10.1177/1088767911424541.

- Valença, A. (2008). Aspectos psicopatológicos e forenses de mulheres homicidas com diagnóstico de transtornos psicóticos primários – estudo de série de casos. *J Bras Psiquiatr*, 57(4), 253-260.
- Walker, L. E. (1979). *The battered woman*. New York: Harper Colophon.
- Walker, L. E. (1984). *The battered woman syndrome*. New York: Springer Publishing Company.
- Wallace, A. (1986). *Homicide: The Social Reality*. Sydney, New South Wales Bureau of Crime Statistics and Research. Australia.
- Walsh, S. & Hemenway, D. (2005). Intimate partner violence: Homicides followed by suicides in Kentucky. *Journal of the Kentucky Medical Association*, 103, 10-13.
- Weisheit, R. A. (1984). Female homicide offenders: Trends over time in an institutionalized population. *Justice Quarterly*, 1:4, 471-489. doi: 10.1080/07418828400088261.
- Wilson, M. & Daly, M. (1992), “Who kills whom in spouse killings? On the exceptional sex ratio of spousal homicides in the United States”. *Criminology*, 30, 189-215.
- Wolfgang, M. E. (1958). *Patterns in criminal homicide*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. USA.
- Yaksic, E., Konikoff, D., Allely, C., Sarteschi, C. M., Silva, R., Smith-Inglis, M., ... Keatley, D. A. (2019). Exploration of Differences in Offender Characteristics Across Aspiring, Probable, and Successful Serial Homicide Offenders: The Importance of an Inclusive Approach to the Study of Homicide. doi: 10.31235/osf.io/5b6w9.
- Zeanah, C. (2001). Evaluation of a preventive intervention for maltreated infants and toddlers in foster care. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 40, 214-221.
- Zilli, L. F. (2005). O “mundo do crime” e a “lei da favela”: aspectos simbólicos da violência de gangues na região metropolitana de Belo Horizonte. *Etnográfica*, 19(3), 463-487.